



Anatole Louis Garraux e o comércio da livraria francesa em São Paulo (1860-1890)*

Marisa Midori Deaecto

Doutoranda em História - FFLCH-USP**

Resumo

Com base em documentos notariais e no testamento de Anatole Louis Garraux, o presente texto aborda aspectos biográficos e da conjuntura do comércio de livros no século XIX. Negociante francês, que se instalou na cidade de São Paulo em 1860, ele se tornou o maior livreiro da cidade nas últimas décadas do século. Entre o processo de instalação da *Casa Garraux* no Brasil e sua consagração no meio intelectual local, descobrimos que foram variados os seus empreendimentos e suas relações com o comércio franco-brasileiro. Todas, porém, situam-se nesse período de expansão do comércio de bens de consumo franceses. Nesse sentido, o livro será abordado na perspectiva de expansão do capitalismo editorial francês, sendo A. L. Garraux seu principal agente na capital paulista.

Palavras-chave

São Paulo - circulação de livros – Casa Garraux

* Trabalho apresentado ao NP 04 – Produção editorial, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

** Doutoranda em História. Realiza pesquisa sobre os circuitos do livro em São Paulo, no século XIX. Publicou, entre outros trabalhos, “Livraria Francisco Alves em São Paulo: Os meios de expansão da leitura e o desenvolvimento do mercado livreiro (1894-1917)”, site www.livroehistoriaeditorial.pro.br. É autora do livro *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Senac, 2002.

A. L. Garraux: perfil biográfico

Antole Louis Garraux nasceu em Paris, a 3 de abril de 1833. Faleceu em 26 de novembro de 1904, em sua residência, nº 60, *rue du Faubourg Poissonnière*, no décimo *arrondissement* da capital francesa. Era viúvo e teve três filhas: Marie Louise (Madame Servan), Amélie Henriette Aspasia (Madame Fischer) e Sophie Clarisse (Madame Crétenier).

Em 1902, escreveu seu testamento, documentando do próprio punho seus bens, sua família e seus amigos.

Legou à irmã, Louise Julie Michel, com quem dividiu o apartamento e os derradeiros anos de sua vida, o usufruto dos bens,

“em reconhecimento que eu lhe devo por sua abnegação, seu desinteresse, sua afetuosidade e sua inteligente atuação na educação de minhas filhas [...] esperando que elas honrem minha memória amando sua tia e lhe dedicando toda atenção que ela merecer”.¹

Nomeou seu “excelente amigo *monsieur* Guelfe de Lailhacar” tutor da sucessão dos bens declarados.

Deixou para parentes e amigos mais próximos alguns *souvenirs*: a Guelfe de Lailhacar, amigo “leal, companheiro [...] que eu amo como a um irmão, meu bronze de Mozart, meus dois quadros assinados por M. E. Mendez e meu alfinete de ouro e pérola”.² Aos genros, legou uma série de presentes valiosos, os quais descreveu com muita singeleza e precisão:

“Deixo à *titre de souvenir* ao meu genro Paul Crétenier, a quem amo como um filho, a grande *Encyclopédie Lamirault*, as quatro telas assinadas por Penne, Chartier, Corot e Brown e meu alfinete de ouro, estilo Luís XV;

Deixo à *titre de souvenir* ao meu genro Willy Fischer, meu grande porta-tintas, meu prendedor de gravata em outro, o relógio nº 6360 e a coleção de *L'Année Théatral* de Noël e Stoullig;

Deixo à *titre de souvenir* ao meu genro Octave Servan, meu cofre verde escuro, em forma ondulada, minha cadeira e meu relógio de ouro, nº 6846, meu anel de ouro e a cabeça de Brutus”.³

Ao amigo Philippe de Grammont deixou

¹ *ibidem*. Dépôt des testaments et codicilles de M. Garraux. 30 Novembre 1904 -16 Mai 1908. Maître Jacques Fontana-Notaire. Paris. Meus especiais agradecimentos a Madame Michel, que buscou nos arquivos notariais estes documentos, pois eles ainda não foram depositados nos Archives Nationales. E ao amigo Rémi de Fumichon, que os recuperou, não sem insistência, junto ao Tabelião de Notas e os enviou, sempre com muito préstimo e desvelo.

² *idem, ibidem*.

³ *ibidem*.



“o *Grand Dictionnaire de Larousse*, em 17 volumes, que juntos consultamos com tanta frequência; a tela assinada por A. Scheffer, com a qual ele havia me presenteado e o quadro assinado Petit Jean Por de Dordreck”.⁴

Incluiu no testamento seus “bons, leais e fiéis empregados”, legando a eles a soma de oito mil francos. Deixou ao encargo dos executores testamentários o envio de *souvenirs* aos amigos:

“Senhoras S. Suarez, Amélie Hamelin, Marie Launay e Marie Bazin. Senhores Louis Jablonski, Charles Vogt, Alexandre Thiollier,⁵ Felix Guilherm, Berge, Dr. Jozias, Vicomte Azevedo, Ed. Ruenzi, Paul Galot, Mathieu”.⁶

O autor declara, finalmente, que em seu apartamento

“existem bronzes, móveis, *bibelots*, prataria, que são de exclusiva propriedade de minha irmã, bastando que ela indique estes objetos para que seu reconhecimento seja feito sem contestação”.⁷

Além disso,

“deixo à minha amada irmã, Louise Julie Michel, tudo o que existe nos cômodos chamados “Atelier” próximos à sala de bilhar e do pequeno escritório ao lado do grande salão, menos o quadro de Carot, ofertado ao meu genro M. Créténier”.⁸

Sobre as origens mais remotas de Antole Louis Garraux, a história de sua família, a ocupação de seus pais e mesmo suas atividades na juventude, não obtivemos nenhuma informação. Seu nome não figura nos copiosos volumes das biografias francesas, sugerindo que não pertencera a alguma linhagem aristocrática ou burguesa expressiva. Nasceu em Paris, mas sua vida até os 17 anos, idade com que emigrou, não mereceu nenhuma linha de seus biógrafos, ou mesmo escrita do próprio punho. Teve relações com a casa Garnier, mas não sabemos de que natureza. Supomos que tenha sido um funcionário da empresa em Paris e, como é próprio da juventude, optou por se aventurar no Rio de Janeiro, em busca de novas oportunidades financeiras. Mas como a história não se constrói sobre suposições, afiançamos apenas que, mesmo desconhecendo as origens primitivas de seu capital, nosso personagem logrou fazer bons investimentos e acumular notável fortuna.

Esculturas em bronze, coleções de pintura, enciclopédias, publicações teatrais, móveis finos, relógios, jóias, peças em ouro, prataria, amplo apartamento, provido de grande salão, sala de bilhar, escritório, enfim, Anatole Louis Garraux, como ele mesmo o atesta, foi um homem rico, tinha hábitos e gostos sofisticados, foi um burguês típico

⁴ *ibidem*.

⁵ Seu sucessor nos negócios da livraria em São Paulo, no final dos anos de 1880.

⁶ *ibidem*.

⁷ *ibidem*.

⁸ *ibidem*.

do seu tempo. Mas estes elementos constituem apenas pequena parte do cabedal herdado pelas filhas.

Os bens declarados após sua morte, em 1904, perfazem a soma de 971.880 F. Ou o equivalente a mil-réis no valor de 748:348\$062.⁹ Arredondando a cifra para um milhão de francos franceses, em 1905, deduz-se o montante de 20 milhões de francos segundo a tabela de conversão para o ano 2000, ou 3 milhões de Euros atuais (4 milhões de dólares)!¹⁰

O livreiro A. L. Garraux se situava na estreita faixa dos 4% de franceses que deixaram os maiores legados no seu tempo.¹¹ Para termos uma idéia da natureza de sua fortuna, cumpre observar que 68% de seus bens foram convertidos em capital financeiro, tendo investido em ações junto a sociedades no México¹² e no Brasil;¹³ 27% em capital industrial; e uma pequena porcentagem (5%) dividida em bens imobiliários e bens domésticos.

Diante destes dados, podemos concluir que Garraux seguiu a tendência dos investidores da época.¹⁴ Ele aplicou a maior parte de seu dinheiro em investimentos de alto risco, no mercado acionário. Fato que constatamos devido a uma série de lotes de ações desvalorizadas ao lado de outras que mostram índices altos de valorização. E o fez em setores que estavam em franco desenvolvimento nesta nova conjuntura de expansão capitalista: nas empresas de metalurgia, pois não nos esqueçamos de que neste período há uma verdadeira explosão da produção industrial, em virtude de uma série de inovações tecnológicas, que multiplicaram em escalas até então desconhecidas a produção de bens de consumo; e no sistema de transportes, vias férreas e fluviais, de

⁹ Segundo a cotação cambial utilizada em dezembro de 1904, por ocasião do levantamento dos bens declarados: 1 F=770 réis.

¹⁰ Administration de l'enregistrement des domaines et du timbre. *Formule de déclaration de mutation par décès – Succession de M. Garraux*. Archives de Paris, série D Q7-33378, 1904. Agradeço imensamente ao professor J-Y Mollier pelo auxílio, na verdade, pela contribuição à leitura deste documento.

¹¹ Em 1911, esta faixa sofre sensível aumento para 6% das fortunas reconstituídas a partir das declarações de sucessão cujos valores estavam compreendidos entre 50.000 F e 1 milhão. Os dados apresentados valem para Paris. Adeline Daumard, *Os burgueses e a burguesia na França*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.109.

¹² 240 ações da Société Financière pour l'Industrie au Mexique (F 71.520,00); 101 ações da Compagnie Industrielle d'Orizaba; 100 ações da Société San Ildefonso (F 23.200,00). *Formule de déclaration de mutation par décès...cit.*, linhas 8^a, 10^a, 11^a.

¹³ 400 ações ao portador da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e Vias Fluviais de 200.000 réis cada uma (124.675,20); 336 ações na Sociedade Gold Mines [...] of Brazil Limited, no valor de 1 libra esterlina cada uma. No Brasil, foram ainda declaradas duas letras de câmbio do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, no valor de F 11.823, 95 ou 9:104\$441.

¹⁴ Segundo Adeline Daumard, desde a Monarquia de Julho (1830) observa-se a tendência da burguesia francesa, sobretudo daquela situada nos centros urbanos de acumular capital industrial e financeiro, em detrimento do patrimônio imobiliário. Adeline Daumard, *op. cit.*, p.91.

fundamental importância para a ampliação dos circuitos de comércio em direção a novos centros de consumo.¹⁵ Processo análogo foi observado no Brasil, particularmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, nessa primeira fase de acumulação e diversificação do capital investido pelas classes produtoras, período *grosso modo* balizado entre 1870 e 1890.¹⁶

No ramo comercial, atuou como comissário e exportador de toda sorte de artigos de luxo franceses para o Brasil. Não é deveras curioso que por ocasião da visita da princesa Isabel a São Paulo, a *Casa Garraux* apareça no seu diário não como exímia livraria, mas como uma casa “cheia de tentações para grandes e pequenos”?¹⁷ Seria muito provavelmente uma alusão aos livros, em se tratando de uma nobre cultivada, mas também ao vasto mundo de artigos finos que o livreiro dispunha em sua loja. Eram as francesias, enfim, que dominavam o imaginário das gentes. Tais como papéis finos, envelopes, vinhos, charutos – os famosos charutos de Havana anunciados nos jornais – entre incontáveis produtos que se confundiam com os livros.

Mas o “livreiro Garraux”, alcunha pela qual ficou conhecido em São Paulo, deve ser analisado como sucedâneo de outros patrícios seus que iniciaram sua carreira logo no início do Primeiro Reinado. Plancher, tipógrafo-livreiro protegido por d. Pedro I.¹⁸ E os irmãos Baptiste Louis Garnier e Hypolite Garnier, os primeiros mandatários do imperialismo editorial francês na América, pois fixaram filiais em Buenos Aires e na Cidade do México.¹⁹ Todos instalados na Corte do Rio de Janeiro, onde as livrarias floresceram já nas primeiras décadas do Oitocentos.

¹⁵ Todas estas considerações se basearam em Eric Hobsbawm, “Uma economia mudando de marcha”. In: *A era dos Impérios* (1875-1914). São Paulo: Paz e Terra, 1988, pp.57-85.

¹⁶ A este respeito, cf. Zélia Cardoso de Melo, *Metamorfozes da riqueza*. São Paulo 1845-1895. São Paulo: Hucitec; SMC, 1985; Eulália Maria Lobo Lahmeyer, *História do Rio de Janeiro: do capital comercial ao capital industrial e financeiro*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978. 2v.

¹⁷ “Diário da Princesa Isabel”, in: Carlos Eugenio Marcondes de Moura (Org.), *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX*, p.243.

¹⁸ “O tipógrafo de origem francesa Pierre Seignot-Plancher pode ser considerado um desses primeiros aventureiros no mercado livreiro nacional. É verdade que seu nome está profundamente enraizado à história da imprensa periódica: fundou, no ano de sua chegada, em 1824, o *Spectador Brasileiro* e, pouco mais tarde, em 1827, o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Projeto pioneiro, que se tornou célebre não apenas por apresentar um tipo de jornalismo ainda inédito no Brasil, ou seja, textos informativos sobre as coisas do comércio – movimento dos navios, das casas comissárias, esboços estatísticos, legislação – mas também pelo cuidado com que eram feitas as edições, de tal sorte que sua oficina acabou por criar um estilo próprio a ser seguido por outros impressores”. Marisa M. Deaecto, “Um editor no quadro político do Primeiro Reinado: o caso de Pierre Seignot-Plancher (1824-1832)”, no prelo.

¹⁹ Sobre as origens da “maison Garnier”, cf. Jean-Yves Mollier, *L’argent et les lettres*. Histoire du capitalismo d’édition (1880-1920). Paris: Fayard, 1999. [Em especial, o capítulo IX: «Les frères Garnier, Les Hetzel père et fils, Pierre Larrousse et les siens et les vraies grandeurs de l’édition », pp.235-278].

A conjuntura do livro

Figura pálida, é verdade, nesse grande mar de histórias a que nos remetem os livros, com seus autores célebres, suas formidáveis histórias editoriais e, mesmo, as quase sempre interessantes histórias de editores notáveis, que inscreveram seu nome no mercado da edição, como um Hetzel, para citar um dos mais famosos do século de Napoleão, ou do que viria a ser um Monteiro Lobato na história do livro no Brasil dos anos de 1900. A biografia de A. L. Garraux justifica-se menos por sua trajetória individual do que por sua inserção em um movimento mais amplo que é o da internacionalização e massificação do mercado livreiro. Massificação noutras partes, como veremos, mas que tem suas ressonâncias no mercado interno e, mais particularmente, na cidade de São Paulo, durante o primeiro surto urbanístico de 1870.

Mas era A. L. Garraux um livreiro, no sentido estrito da palavra, como o testemunham seus contemporâneos? Qual o diferencial de Garraux em relação a seus antecessores no ramo dos livros? E qual seu lugar neste mercado em expansão, nos anos de 1870-80?

Analisando a documentação notarial relativa à sucessão de seus bens, concluímos que o comércio de livros corresponde a apenas uma fração – pequena, não há dúvidas – de uma gama mais ampla de negócios que A. L. Garraux administrava. Exemplo paradigmático que nos permite compreender o perfil deste livreiro-negociante, é a trajetória da família Garnier no mercado editorial francês e, em certo sentido, internacional. Não a história oficial, ou oficiosa, que enaltece a participação dos livreiros neste nobre negócio. História, aliás, que aceitamos muito facilmente, tal a admiração que guardamos pelos belos e copiosos livrinhos da coleção “Classiques Garnier”.²⁰

Não vamos adentrar nos pormenores deste verdadeiro périplo livresco que, de acordo com Jean-Yves Mollier, conduz-nos a histórias sórdidas – verdadeiro caso de polícia! – envolvendo especulação financeira, imobiliária e... comércio de livros proibidos, precisamente, de gravuras e de livros pornográficos, obscenos, para um

²⁰ Segundo o anúncio comemorativo da “maison Garnier”, estampado no Salão do Livro de Paris, em 1981: “a casa Garnier Frères, conhecida no mundo inteiro, é uma das mais antigas empresas editoriais francesas. Ela remonta a 1833. Foi nesta data, com efeito, que dois irmãos, originários da Mancha, Auguste e Hippolyte Garnier, fundaram uma livraria na galeria de Port-Royal. Tratava-se de um dos lugares mais elegantes e bem freqüentados de Paris. O novo estabelecimento prosperou e a cada ano adquiriu mais e mais importância. Diz-se que os dois irmãos foram os primeiros, na França, a ter a idéia de atrair a clientela dispondo na frente da loja um balcão onde os passantes folhear e percorrer as obras expostas” *apud*, Jean-Yves Mollier, *op. cit.*, pp.235-236.

público majoritariamente argentino e brasileiro.²¹ É claro que os negócios da livraria não se resumem às práticas ilegais, da mesma maneira que não podemos reduzir as atividades do editor de Machado de Assis, Baptiste Louis Garnier,²² o irmão mais moço do clã, à venda de um gênero que circulava a mancheia na capital fluminense.

Aliás, não se tratava de um gênero legalmente proibido, a exemplo das leis de censura vigentes na França até o final da III República (1940), porém, por razões morais, esta literatura se destinava a um tipo exclusivo de público: o masculino. Tanto é verdade que nos catálogos da livraria Garraux esta literatura galante não deve ser procurada em alguma seção camuflada, ou indicativa de leituras masculinas, como a identificou Alessandra El Far em seu estudo.²³ Pelo contrário, as histórias romanescas de reis e príncipes, ou mesmo as aventuras “picantes” de Faublas – este personagem muito próximo da figura-tipo criada por Casanova – narradas por Louvet de Couvray, pseudônimo de Jean-Baptiste Louvray (1760-1797), convivem pacificamente na seção de belas-letas, ao lado do monumental Chateaubriand e de tantos outros imortais. O fato é que esta literatura numericamente significativa, que circulou e circula por todos os desvãos da cidade, de modo a ser ainda encontrada nos sebos, não explica por si só a construção de um nome e de um império do livro, como o fizeram Garnier no Rio de Janeiro imperial e A. L. Garraux em São Paulo, no último terço do século.

De forma análoga, devemos duvidar sempre das versões que reafirmam a figura do *self made man*. Ou seja, do jovem rapaz que aportou em terra estrangeira, aos 17 anos de idade, vindo a trabalhar como caixeiro em uma livraria de prestígio, a Livraria Garnier para, enfim, após décadas de trabalho obstinado, tornar-se proprietário “da loja

²¹ Ao que conclui: “A acumulação primitiva do capital desta empresa foi obtida por meios originais e o leitor do século XX poderá se surpreender com o fato da coleção “Classiques Garnier”, estes belos e eruditos livros de capa amarela, terem tido por ancestrais, por genitores, os *Chansonniers du bordel* e outros livros galanteadores”. A estas atividades, os livreiros conciliavam a prática de empréstimo ilegal a juros – agiotagem – especulação financeira e imobiliária. *op. cit.*, p.241.

²² Cumpre ressaltar que o próprio Baptiste Louis Garnier deitou raízes no Rio de Janeiro, vindo a constituir família e a angariar muitos bens imobiliários, conforme pudemos averiguar na documentação catalogada no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

²³ “Essas brochuras de ‘leitura quente’, ‘escaldante’, de ‘cenas ao vivo’, recheadas com diversas ‘gravuras’ e ‘estampas’, revelavam histórias pornográficas descritas ao sabor dos corpos desejantes, relacionamentos proibidos e de uma série ininterrupta de prazeres e gozos consumados”. Explica a autora que “a expressão ‘romances para homens’ teve algumas variantes como ‘leitura para homens’, ‘livros para homens’, ‘leitura para velhos’ e ‘romances só para homens’. Todas, sem exceção, salientavam o fato de esses textos serem direcionados exclusivamente ao público masculino, em função dos possíveis efeitos perniciosos sobre o caráter das senhoras e das moçoilas de boa família”. Alessandra El Far, *Páginas de sensação. Literatura popular e pornografia no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.184.

de livros e papelaria mais bela do país”, como escreve o viajante norte-americano Christopher C. Andrews, em 1883.²⁴

Como o demonstram historiadores e economistas, no período de 1870 a 1914, as oportunidades são amplas e variadas para investidores e especuladores. A *belle époque* não significou apenas um dos mais férteis períodos de criação artística – literária e pictórica – no longo século XIX, mas também uma época de oportunidades neste imenso sistema mundo que elevou as atividades de comércio – a troca de mercadorias, é certo, mas também a troca de idéias – a escalas até então desconhecidas.²⁵

Qual outra mercadoria representaria melhor o espírito da *belle époque* – do ponto de vista econômico e cultural – senão o livro?

Passemos a alguns números produzidos na França. De acordo com Frédéric Barbier, o volume de exportações de livros franceses apresenta aumento contínuo e regular no período de 1815 a 1913, com altas acentuadas nos anos de 1880, 1887 e 1890, quando se verifica o *crash* da produção editorial francesa, ao que se segue uma fase de recuo das exportações.²⁶ Mesmo na fase anterior, que o autor reputa como a menos significativa, nos anos de 1860-70, os índices estão sempre acima da média, em torno de 55 pontos. Índice alto, que merece algumas ponderações quando comparado com o período posterior: a população mundial ainda não assistira às taxas de crescimento verificadas nas últimas duas décadas do século XIX e, por sua vez, o comércio e os meios de transportes também não haviam atingido as potencialidades observadas na época do *crash* produtivo. Ora, a *Casa Garraux* se insere nesta curva ascendente do comércio internacional de livros franceses.

²⁴ *apud*, Raimundo de Menezes, *op. cit.*, p.196.

²⁵ “Esses foram os rumos do crescimento e da transformação do mundo ‘desenvolvido’. Contudo, o que mais forte impacto causava nas pessoas do mundo ‘desenvolvido’ e industrial à época era, mais até que a evidente transformação de suas economias, seu ainda mais evidente êxito. Vivia-se obviamente, num tempo de prosperidade[...] Para estes, a *belle époque* foi de fato o paraíso que seria perdido após 1914”. Eric Hobsbawm, *op. cit.*, p.85.

²⁶ “A partir dos primeiros anos de III República, esta irregularidade do movimentos das exportações se acentua e tende a se tornar a principal característica até o final de nosso período de estudo. Se, de 1869 a 1879, nós ainda continuamos no sistema anterior, com índices variando relativamente pouco (de 55,38 a 55,49 em dez anos), o ano de 1880, em compensação, é marcado por um acentuado aumento (índice de 78,46%), que permite ultrapassar a marca de 3.800 t de exportações. O índice se tornará estável em 1881, e a exemplo da fase anterior, a um nível intermediário (de valores entre 63 e 65, ou seja, superiores em mais ou menos 10 ponto em relação ao período precedente). Duas novas ‘decolagens’ se produzem em 1887 (73,59) e sobretudo 1890 (104,31): este último permite ultrapassar as 4700 t de exportações anuais, cifra que não será mais alcançada após a Primeira Guerra. Como no domínio da edição propriamente dita o mercado se encontra saturado (é a época do ‘*crash*’ da livraria) a ressaca, desta vez, é mais brutal: vinte pontos de 1891 a 1892, mais de trinta em 1894 (o índice sofreu, então, recuo para 65,06) e até 1905 (67,20), com volumes anuais de exportação em torno de 3.000t”. Frédéric Barbier, “Commerce international de la librairie française”, *Revue d’histoire moderne e contemporaine*, Paris, 1981, tome XXVIII, p.106.

De acordo com Frédéric Barbier, nos limites europeus os principais mercados consumidores eram a Itália, a Rússia, o Reino Unido, a Alemanha, a Argélia, a Suíça e a Bélgica. Mas nada se comparava ao consumo *d'outre mer*, sendo o continente americano o maior mercado de consumo de livros franceses.²⁷ Em primeiro lugar, os Estados Unidos. Depois a Argentina e o Brasil.²⁸ É verdade que as estatísticas apresentam variações ao longo do século, mas o que se observa é uma longa conjuntura de domínio do livro francês no mercado latino-americano, que reproduz uma tendência ascendente desde o Século da Luzes.²⁹

Dessa maneira, podemos concluir que mesmo ocupando a parte menor dos negócios de Garraux, não quer isso dizer que o comércio de livros fosse de somenos importância. Do ponto de vista mercadológico, Garraux se beneficiou do excedente produzido na França, portanto, da queda do preço dos livros e da demanda – do aumento da demanda, vale dizer – deste produto no mercado brasileiro. Tanto é verdade que, malgrado toda a diversidade de seu estabelecimento comercial, Garraux era conhecido como livreiro, como o maior livreiro da cidade. Do ponto de vista qualitativo, os catálogos da *Casa Garraux* ratificam o diferencial de sua empresa e a importância que ele atribuía aos livros no rol de suas mercadorias. Afinal, como podemos apreender em seu testamento, estamos a tratar de um negociante culto, de um bom burguês.

Em 1898, ele publicou um catálogo de livros sobre o Brasil, intitulado *Bibliographie Brésilienne*. Aparece estampada no frontispício da edição, ao lado do nome do autor, a seguinte inscrição: “ex-libraire à Saint-Paul (Brésil)”. A bibliografia foi, enfim, dedicada à nação brasileira. Nas palavras de Anatole Louis Garraux:

“Possas este catálogo, que eu dedico à Nação brasileira, ser positivamente acolhido por aqueles que se ocupam da América do Sul, tanto amadores, quanto colecionadores,

²⁷ Na África e na Ásia a participação é insignificante.

²⁸ A exemplo do que se observa no Brasil, para o comércio de manuais escolares franceses, chama atenção o volume e a importância de importação de livros deste gênero na Argentina. A este respeito cf. Clara Brafman, “Les manuels de lecture d’origine française en Argentine dans la deuxième moitié du XIXe. siècle”. *Histoire de l’éducation*, 69:1996, pp. 63-80. Para um estudo da presença de editoras estrangeiras na produção de livros didáticos no Brasil, no Oitocentos, cf. Circe Maria Fernandes Bittencourt. *Livro didático e conhecimento histórico*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História da FFLCH-USP, 1993.

²⁹ “Em 1821, os pontos fortes do mercado do livro francês na América Latina são ainda aqueles do século XVIII: Haiti (13t) e as Antilhas estrangeiras (5,5t), o México e a província Cisplatina (16t), o Brasil (11t, sobretudo de livros em português e em latim impressos na França)”. Frédéric Barbier, *op. cit.*, p.110 [grifos meus]. Em 1905, são os principais importadores de livros franceses na América do Sul, em ordem decrescente: Argentina, Brasil, México e Colômbia. Quadro que permanece praticamente inalterado, pois há inclusão do Chile, em 1907 e do Haiti, em 1909, até 1915. cf. Charles Lesca, “La librairie française en Amérique Latine”. In: *Comité Parlementaire d’Action à l’Étranger. La deuxième semaine de l’Amérique Latine. Congrès tenu à Paris du 22 au 28 novembre*. Paris: Comité Parlementaire d’Action à l’Étranger, 1917, p.370.

bibliófilos, comerciantes, industriais e estudiosos! Possa ele ser útil àqueles que se interessam por este grandioso e rico país! Estes que, juntos, devem formar uma legião, se eu julgá-los por um fato que eu mesmo constatei: nove décimos das obras aqui mencionadas não se encontram mais no mercado livreiro e muitas delas se tornaram extremamente raras”.³⁰

A Casa Garraux

Em trinta anos de atividades, a *Casa Garraux* gozou de total hegemonia no mercado de bens simbólicos paulista. Não apenas por suas raízes francesas, se bem que este aspecto por si só já conspirasse a seu favor. Mas também por oferecer condições bastante singulares no mercado local. A soma dos dois fatores fizeram de A. L. Garraux algo mais do que um livreiro, ele é lembrado por seus contemporâneos como um agente civilizador.

É o que declara o antigo estudante da Faculdade de Direito, Firmo Albuquerque Diniz, que visita a cidade na década de 1890 [ele se formara em 1848]:

“A Casa Garraux é um dos mais importantes estabelecimentos comerciais da cidade pela variedade e pela fina qualidade dos objetos expostos à venda: muitos destes de delicado gosto vêm-se nas suas lindas vitrinas[...]

O que porém recomenda especialmente esta casa é a sua notável livraria: nem na Corte há outra igual.

O Dr. Z... disse-me a primeira vez que ali estivemos, logo depois de minha chegada à capital **que as novidades literárias ali chegavam primeiro que à Corte**, e que muitas obras interessantes têm sido aqui compradas por pessoas, que as procurando na capital não as encontram.

Como prova de suas confirmações citou dois fatos, e são estes:

Estando de passeio nesta cidade o Conselheiro S., advogado na Corte, ao comprar da Casa Garraux um livro novo de Direito disse que lá o tinha procurado em todas as livrarias, e não o achara.

Mais curioso porém é o outro fato: o Dr. Z... tinha lido na *Gazeta de Notícias* **um estirado artigo de crítica, traduzido de um literato francês, sobre o poema de Victor Hugo – “La Piété Suprême”**: ao termina-lo dizia a Gazeta que a obra estava no prelo, e dentro de dois meses haveria no Rio de Janeiro. Na noite imediata à leitura, apresentando-se o Dr. Z... à *Casa Garraux* para comprar um livro, o simpático e afável cidadão francês Michel, antigo empregado do estabelecimento, ofereceu o poema. O Dr. Z... comprou então um exemplar por dois mil réis, muito admirado de encontra-lo aqui, quando na Corte só era esperado dentro de dois meses mais ou menos.

³⁰ A. L. Garraux. « Avant-Propos ». *Bibliographie Brésilienne. Catalogue des ouvrages français et latins Relatifs au Brésil (1500-1898)*. Paris : CH. Chadenat, Libraire ; Jablonski, Vogt et Cie., 1898, p.8. Usamos a edição fac-símile, com introdução de Francisco de Assis Barbosa, “Alguns aspectos da influência francesa no Brasil (Notas em torno de Anatole Louis Garraux e da sua livraria em São Paulo)”, Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. (Coleção Documentos Brasileiros, 100). Curiosamente, este mesmo livro teve reedição mais recente, de Amsterdam [por B. R. Grüner, 1971]. Ao folhear o volume, conclui-se que a editora se limitou a reeditar um fac-símile, sem nenhuma nota explicativa adicional.

Não se falta à verdade dizendo-se que na livraria Garraux encontram-se livros acerca de todos os assuntos, e nas línguas as mais generalizadas, ou mais faladas.

Também assinam-se jornais dos mais civilizados países do mundo.

Essa livraria, disse-me os Dr. Z..., quando nos retirávamos, **tem exercido benéfica influência na vida dos paulistas**: pode-se mesmo afirmar que em grande parte a ela se deve os **elementos da ilustração pública**.

— Creio que a podes denominar – **importante agência de civilização**; está a perder de vista da antiga livraria do Pândega, disse o jornalista, dirigindo-se ao Dr. Z...”³¹

A citação é longa, mas sintetiza os vários aspectos sobre os quais nos debruçaremos nestas últimas páginas: o lugar ocupado pela *Casa Garraux* no comércio de bens simbólicos da capital paulista, seu significado no meio intelectual citadino e as estratégias de publicidade e de venda lançadas por este estabelecimento.

Começemos pelo último ponto, sobre as estratégias de publicidade e de venda da *Casa Garraux*. Antes de fundar sua própria livraria, Anatole Louis Garraux instalou um balcão de vendas ao lado da livraria do Pândega, um livreiro popular entre os estudantes da Academia de Direito. Nesta época, ele se apresentou como agente de Garnier, segundo atesta Almeida Nogueira.³²

Estas informações foram confirmadas por Raimundo de Menezes, que reconstitui em seu artigo o itinerário de Garraux na capital paulista. Em 1863, ele abriu estabelecimento próprio, a *Livraria Acadêmica*, no Largo da Sé, nº 1, bem próximo à rua da Imperatriz. Tinha como sócios Guelfe de Lailhacar e Raphael Suarèz, como anuncia o catálogo de 1864.³³

Neste catálogo, possivelmente o primeiro de uma série de publicações muito bem elaboradas, impressas em Paris, os livreiros fazem ligeira apresentação de sua especialidade comercial e do público que pretendem atingir:

“O immenso desenvolvimento das letras do Imperio do Brazil devido pela maior parte ao illustre Corpo Acadêmico de S. Paulo, impuz-nós a lei de reformar a nossa livraria

³¹ Firmo Albuquerque Diniz [Junius], *Em São Paulo – notas de viagem*. São Paulo: Governo do Estado, 1978, pp.85. [grifos meus].

³² Segundo Almeida Nogueira, Anatole Louis Garraux montou sua livraria “em fins de 1859”, “ao lado da livraria do Pândega ou mesmo numa seção dela e à sua sombra”. Ali, continua o memorialista, ele tratou de dispor “um pequeno balcão onde exhibia sua figura simpática e sorridente de homem loiro, com grandes bigodes, dotado da amabilidade característica dos franceses, [oferecendo] papéis para cartas, penas, lápis e mais objetos de escritório, além de exemplares avulsos da *Illustration* e do *Monde Illustré*. Essa modesta quitanda, dirigida por Mr. Anatole Garraux, era o ovo de onde tinha de sair a grande e suntuosa Casa Garraux, que se instalou definitivamente em 1860, como filial da Livraria da Casa Imperial do Rio de Janeiro”. Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo*. Nove Séries. São Paulo: Saraiva, 1907-1912, v.3, p.148.

³³ Nos primeiros catálogos, a *Livraria Acadêmica* vinha com a indicação “Garraux, de Lailhacar & C.”, inscrito no cabeçalho da página de rosto. É provável que a sociedade não tenha se mantido na década de 1870, pois no catálogo de 1872 aparece somente a referência A. L. Garraux.

de maneira á pol-a ão par do progresso, e das necessidades cada vez maiores do Respeitavel Público”.³⁴

Em seguida, eles apresentam a livraria e suas condições de trabalho: importação direta com as editoras francesas, devido à presença de um agente fixo em Paris;³⁵ concorrência com os preços do mercado local e, mesmo, com as livrarias da Corte, como eles fazem questão de anunciar, inclusive nos jornais; e atendimento personalizado ao corpo acadêmico:

“Para chegar á hum resultado verdadeiramente satisfactorio, não tempos poupado sacrificio algum: depois de ter visitado as principais livrarias de França, Bélgica e Portugal, temos celebrado um tractado com os principais editores destes paizes, que nos remettendo directamente e sem intermediario, os seos livros, assim nos permitem de reduzir ainda a modicidade dos nossos preços com hum notavel abatimento.

A presença permanente em Paris, do nosso socio o Sñr. Raphael Suarez mantendo entre nós relações constantes, estamos habilitados a apresentar aos nossos freguezes as novidades notaveis sobre sciencias e artes, logo depois de sua publicação na Europa. Fiados na benevolencia do Respeitavel Publico os nossos esforços serão attendidos: o único resultado que almejamos sendo de completamente satisfazer as pessoas que se dignão honrar-nos de sua confiança, esperamos que os Nossos Freguezes e em particular o Illustre Corpo Academico se servirão continuar-nos a protecção que até hoje nos tem concedidos.

[Garraux, De Lailhacar & Cie, S. Paulo, 15 de outubro de 1863]”.³⁶

Guelfe de Lailhacar, sócio e amigo confesso, como vimos na leitura de seu testamento, era livreiro no Recife, na rua do Crespo, nº 9. Lembremos que Recife e São Paulo foram cidades que desempenharam importante função educacional, devido à presença das duas únicas faculdades de Direito do país. Daí a razão pela qual os livreiros terem focado o público e os primeiros livros anunciados em função do curso jurídico.³⁷

³⁴ Livraria Garraux, De Lailhacar & Cie. Catálogo dos livros necessários para os cursos jurídicos da Academia de São Paulo. Largo da Sé, nº 1, 1864.

³⁵ O endereço do escritório em Paris era nº 3, *rue d'Hauteville*. Em Paris, observa-se que A. L. Garraux permaneceu nos negócios de comissão. Seus anúncios são foram regularmente publicados no *Annuaire Firmin-Didot* a partir de 1880. Ocorre que no ano de 1900, no mesmo anúncio, já figuram nomes de novos parceiros que tomam a frente da firma do ex-livreiro de São Paulo. Trata-se de Jablonski, Vogt et Cie. Vale ressaltar que Jablonski figura na lista de seus amigos pessoais, a quem ele deseja, em testamento, legar um *souvenir*. Percorremos todos anúncios do *Almanach Firmin-Didot* relativos ao comércio livreiro e às seções de comissão e representação de mercadorias, no período de 1850 a 1905. O nome de A. L. Garraux começa a aparecer de forma regular a partir de 1880, como “commissionnaire en merchandise”. Segundo o breve anúncio (de uma só linha), o empresário faz remessas de mercadorias para o Brasil. *Annuaire-Almanach du Commerce, de l'Industrie de la Magistrature et de l'Administration ou Almanach des 1.500.000 adresses de Paris, des Départements, des Colonies et des pays étrangers*. Didot-Bottin, [1850-1905]. Exemplares microfilmados – Bibliothèque nationale de France.

³⁶ *idem, ibidem*.

³⁷ Joaquim Nabuco testemunha a importância da Livraria francesa no Recife no Recife, na seguinte passagem de seu livro autobiográfico: “Não sei a quem devo a fortuna de ter conhecido a obra de Bagehot, ou se a encontrei por acaso entre as novidades da livraria Lailhacar, no Recife”. Joaquim Nabuco, *Minha formação*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947, p.19.



No plano formal, os catálogos não apresentam grandes variações. Os livreiros seguiam, na área de Direito, o programa da Faculdade e as seções abertas ao “grande público” eram organizadas de acordo com os padrões bibliográficos da época. O catálogo de 1863 se divide em três partes, sendo a primeira voltada para as obras de Direito e uma segunda para gêneros variados de leitura. A terceira anunciava outras mercadorias oferecidas pela *Casa*:

Primeira Parte		Segunda Parte
Direito natural	1º anno	Litteratura (Obras completas dos melhores auctores, sobre Historia, Poesia etc.)
Philosophia do Direito		Théatro (Crítica théatral, Litteratura dramática etc.)
Princípios gerais do Direito		Poesia (Poëtas antigos e modernos etc.)
Direito Romano		Editions de Luxe (Obras de Molière, Ste, Beuve etc., ricamente encadernadas)
“Público		Romances (Obras de A. Dumas, P. de Kock, Cooper etc.)
“Constitucional		Obras Espagnolas (Cervantes, Lope de Veja etc.)
“Político		Historia
“da Gente	2º anno	Sciencias Naturais, occultas, Medicaes, Mathematicas
“Internacional		Religião
“Ecclesiastico		Theologia
“Canonico		Grammatica
Diplomacia		Diccionarios de Sciencias, Línguas etc.
Direito Criminal	3º anno	Physica
“Penal		Geographia
“Civil		Cosmographia
“Commercial	4º anno	Livros Latinos
“Marítimo		Viagens (Obras relativas a América etc.)
Economia Política	5º anno	Terceira Parte – relação dos principais generos q. vendemos por atacado e á varejo.
Practica		
Direito Administrativo		
Philosophia		

O “diálogo” com o público não se restringe ao texto de apresentação elaborado pelos livreiros. Tampouco a avisos ligeiros, colados na capa, folha de rosto, ou mesmo no corpo do texto, no final ou início de cada seção. Mensagens aparecem em francês e em português, sendo os catálogos elaborados nestas duas línguas, com edições francesas e brasileiras/portuguesas, em publicações distintas.³⁸ A elaboração dos catálogos era mais complexa, pois não raro as obras listadas vêm acompanhadas de alguma

³⁸ Um aviso comum dizia respeito às possibilidade de envio de catálogos pelo Correio. As obras podiam ser enviadas pelo correio com um acréscimo de 5% sobre o preço de capa.



explicação, geralmente, um texto extraído da imprensa, principalmente quando se tratava de uma nova edição francesa.

Compreendemos, por meio destes catálogos, as motivações de Firmo Albuquerque Diniz ao elogiar a livraria e classificá-la como importante agente de civilização. Os livros chegavam prontamente ao mercado local porque os livreiros, antes, os negociantes de mercadorias finas francesas, mantinham um escritório em Paris e negociavam diretamente com os produtores. Em particular, com os editores.

Com agências no Recife, ao norte e outra em São Paulo, ao sul, eles podiam estender o comércio para todo o país, beneficiando-se para isso do desenvolvimento dos serviços de correios e telégrafos, nos anos de 1870. A estratégia de divulgação de livros em catálogos era complementada com a publicação de anúncios nos principais jornais do Recife e de São Paulo. Ao compulsar esta documentação, percebemos que Garraux mantinha clichês fixos nas páginas dominicais de *A Província de S. Paulo*. Além disso, a saída de algum título novo, mas também de outras mercadorias, como os famigerados charutos de Havana, eram prontamente anunciadas nesta folha.

Em 1873, a livraria se transferiu para sede própria, na rua da Imperatriz, no nºs 36-38.³⁹ Neste novo endereço, observa Laurence Hallewell,

“ele construiu uma nova loja com uma *façade* de mármore e amplas vitrinas, que se tornou o local de encontro não apenas de estudantes de Direito mas também dos fazendeiros de café, que cada vez mais eram educados na França ou na Alemanha, e cujo conseqüente conhecimento do progresso europeu iria desempenhar papel considerável no desenvolvimento econômico, social e intelectual de São Paulo”.⁴⁰

Não sabemos exatamente em que ano retornou à sua terra natal. Escreve Raimundo de Menezes que em 1876,

“ele vendeu a livraria para H. Michel, que permaneceu até 1º de fevereiro de 1883, quando, por sua vez, a transpassou à firma Fischer, Fernandes & Cia. Êsses passaram-na adiante, em 1º de fevereiro de 1888, a Thiollier, Fernandes & Cia. Era sócio da firma o cidadão francês Alexandre Honoré Marie Thiollier, pai do escritor René Thiollier. Da firma, retirou-se a 28 de fevereiro de 1890 o sócio Fernandes, ficando apenas Mr. Thiollier, que ali permaneceu até 28 de fevereiro de 1896, quando passou a Casa Garraux⁴¹ à firma Charles Hildebrand & Cia., que a explorou até 1912”.⁴²

³⁹ cf. Raimundo de Menezes, “As primeiras e mais antigas livrarias de S. Paulo”, *Revista do Arquivo Municipal*, 1971, nº 182, pp.193-218, pp.196-198. Segundo o autor, cujo artigo foi originalmente publicado em *A Gazeta*, 16.5.1936, o antigo nº 20 e 40 da rua da Imperatriz, atual 15 de Novembro, encontravam-se nos edifícios nºs 256 e 178, respectivamente.

⁴⁰ Laurence Hallewell, *O livro no Brasil*. São Paulo: Edusp/T.A. Queiroz, 1985, p.229.

⁴¹ Note-se que ela mantém o mesmo nome, tal foi a popularidade de seu fundador.

⁴² Raimundo de Menezes, *op. cit.*, p.198.

Não é possível que tenha se transferido em definitivo para Paris no ano de 1876, pois precisamente no dia 10 de novembro de 1883, o viajante Karl von Koseritz faz a seguinte anotação em seu diário:

“Foi um dia também muito animado no nosso hotel, pois ali se deram os casamentos das duas filhas do livreiro Garraux, e todo São Paulo foi convidado”.⁴³

Quanto à possível transmissão da empresa para Henri Michel, em 1876, acreditamos que ele fosse seu cunhado, lembremos mais uma vez que sua irmã se chamava Louise Julie Michel, divorciada no ano de confecção do testamento (1902). No entanto, parece-nos compreensível que A. L. Garraux tenha transferido sua livraria para Willy Fischer, ou William Fernand Gustave Fischer, seu genro, casado com a filha do meio, Henriette Aspasia Julie Garraux, tendo sido este um dos casamentos ao qual alude von Koseritz, em 1883. O que nos leva a crer que todas estas primeiras mudanças da empresa tivessem se realizado no âmbito familiar.

Até a década de 1890, quando surgiram os primeiros concorrentes de peso no mercado livreiro local, a *Casa Garraux* foi o mais importante estabelecimento de livros que a população conheceu. Como vimos, editores e livreiros franceses exerceram hegemonia durante todo o oitocentismo nos países latino-americanos, com notável destaque para a Argentina e o Brasil. Prova-o a composição dos livros em um só catálogo distribuído pela *Casa Garraux*, de 1866: a parte “portuguesa”, composta por obras de Direito, Religião, Instrução, Artes e Ofícios, Poesias e Obras literárias, perfaz 1187 títulos. A francesa, 5.489!

Na verdade, o que as elites locais viam como civilização, nada mais era do que a expressão do imperialismo francês em um setor ainda muito pouco receptivo ao produto nacional: o mercado de livros.

Fontes e Bibliografias citadas:

Administration de l'enregistrement des domaines et du timbre. *Formule de déclaration de mutation par décès – Succession de M. Garraux*. Archives de Paris, série D Q7-33378, 1904.

Annuaire-Almanach du Commerce, de l'Industrie de la Magistrature et de l'Administration ou Almanach des 1.500.000 adresses de Paris, des Départements, des Colonies et des pays étrangers. Didot-Bottin, [1850-1905]. Exemplares microfilmados – Bibliothèque nationale de France.

BARBIER, Frédéric. “Commerce international de la librairie française”, *Revue d'histoire moderne e contemporaine*, Paris, 1981, tome XXVIII.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e conhecimento histórico*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História da FFLCH-USP, 1993.

⁴³ Karl von Koseritz, *Imagens do Brasil*. São Paulo: Martins, 1943, p.267.



- BRAFMAN, Clara. “Les manuels de lecture d’origine française en Argentine dans la deuxième moitié du XIXe. siècle”. *Histoire de l’éducation*, 69:1996, pp. 63-80.
- BRAUDEL, Fernand. *La grammaire des civilisations*. Paris: Champs; Flammarion, 1993.
- Charles Lesca, “La librairie française en Amérique Latine”. In: *Comité Parlementaire d’Action à l’Étranger. La deuxième semaine de l’Amérique Latine. Congrès tenu à Paris du 22 au 28 novembre*. Paris: Comité Parlementaire d’Action à l’Étranger, 1917.
- DAUMARD, Adeline. *Os burgueses e a burguesia na França*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- DEAECTO, Marisa M. “Um editor no quadro político do Primeiro Reinado: o caso de Pierre Seignot-Plancher (1824-1832)”, no prelo.
- “Diário da Princesa Isabel”, in: *VIDA COTIDIANA EM SÃO PAULO NO SÉCULO XIX*. Carlos Marcondes de Moura (Org.). São Paulo: Unesp; Ateliê; Imesp, 1998.
- Depôt des testaments et codicilles de M. Garraux*. 30 Novembre 1904 -16 Mai 1908. Maître Jacques Fontana-Notaire. Paris.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação. Literatura popular e pornografia no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GARRAUX, A.L. « Avant-Propos ». *Bibliographie Brésilienne. Catalogue des ouvrages français et latins Relatifs au Brésil (1500-1898)*. Paris : CH. Chadenat, Libraire ; Jablonski, Vogt et Cie., 1898.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: Edusp/T.A. Queiroz, 1985.
- HOBSBAWM, Eric Hobsbawm. *A era dos Impérios (1875-1914)*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- LAHMEYER, Eulália Maria Lobo. *História do Rio de Janeiro: do capital comercial ao capital industrial e financeiro*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978. 2v.
- Livraria Garraux, De Lailhacar & Cie. *Catálogo dos livros necessários para os cursos jurídicos da Academia de São Paulo*. Largo da Sé, nº 1, 1864.
- MELO, Zélia Cardoso de Melo. *Metamorfoses da riqueza*. São Paulo 1845-1895. São Paulo: Hucitec; SMC, 1985.
- MENEZES, Raimundo de. “As primeiras e mais antigas livrarias de S. Paulo”, *Revista do Arquivo Municipal*, 1971, nº 182, pp.193-218.
- MOLLIER, Jean-Yves. *L’argent et les lettres*. Histoire du capitalisme d’édition (1880-1920). Paris: Fayard, 1999.
- NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.
- NOGUEIRA, J. L. de Almeida. *A Academia de São Paulo*. Nove Séries. São Paulo: Saraiva, 1907-1912.
- VON KOSERITZ, Karl. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Martins, 1943.